

## AS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS NO CONJUNTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

### GEOGRAPHIC REPRESENTATIONS AMONG THE SOCIAL REPRESENTATIONS

Antonio Carlos PINHEIRO<sup>1</sup>

#### RESUMO

*Este artigo busca relacionar a teoria da representação de Lefebvre e a teoria das representações sociais com as representações geográficas, fazendo uma abordagem sócio-cultural da constituição das mesmas no espaço geográfico.*

**Palavras-chave:** *representação, representação social, representação geográfica, geografia, espaço geográfico.*

#### ABSTRACT

*This article tends to make a relation between the theory of the representations of Lefebvre and the theory of social representations, with the geographic representation, making a relation with the sociologic and cultural constitution of these in the geographic site.*

**Keywords:** *social representation, geographic representation, geography, geographic site.*

#### INTRODUÇÃO

Na Geografia, a *representação* é fundamental. Desde os tempos mais remotos da constituição do conhecimento geográfico, estudiosos vêm se utilizando de mapas, gráficos e cartas para explicar o espaço geográfico. Entretanto, observa-se que a representação contida nestes recursos é basicamente entendida na sua forma gráfica, quase sempre valorizando os aspectos físicos do espaço, dados

quantitativos ilustrados, e, contendo, ainda, a visão de pessoas a refletirem sua forma de ver o mundo.

O mapa é a representação mais utilizada na Geografia. Contudo, destacamos que esta forma de representação, assim como outras, contém um discurso, é “...a imagem de uma concepção” (Ferrara 1994:161). O mapa é a medida de uma escala de valores, de uma cultura. Historicamente, observa-se que este instrumento de representação tem sido utilizado para

---

<sup>(1)</sup> Professor dos Cursos de Geografia, Ciências Sociais e Turismo da PUC-Campinas, Coordenador do Curso de Geografia da PUC-Campinas  
E-mail: cp@dglnet.com.br.

transmitir concepções e idéias. Exemplo marcante é a projeção de Mercator (a mais tradicional do Mapa-múndi), que, com base na Europa, representa o mundo colocando este continente no centro como referencial.

Pressupondo que a representação na Geografia é algo mais amplo do que a graficamente utilizada, quais são os referenciais para explicá-la? Também, considerando a Geografia, uma ciência que, entre outras coisas, aborda o espaço geográfico, como deve estudar as representações da sociedade, estabelecendo relações com a realidade física (material)? Na busca de uma explicação, apoiar-nos-emos como referencial inicial na *teoria das representações* de Henri Lefebvre.

## A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici segundo Farr (1995) desenvolveu na década de 60, na sua *Teoria das representações sociais*, uma reflexão que buscava superar a noção de *representações coletivas* de Durkheim. Para Moscovici, a questão principal que suscitou diversas interrogações está impregnada de contradições e dilemas, ou seja, as reflexões da relação indivíduo-sociedade, e como esta relação se constrói (Jovchelovitch, 1995). Tradicionalmente, na área da Psicologia Social e da Sociologia, as concepções estão dissociadas - individual-social, subjetivo-objetivo, quantidade-qualidade. O sujeito é fragmentado e a realidade é apenas algo externo que exclui as tensões entre o homem e o mundo que vive. Para Moscovici, os sujeitos sociais estão cotidianamente lutando para dar sentido ao mundo, para encontrar o seu lugar mediante uma identidade social.

Durkheim (1951), por meio da *teoria das representações coletivas*, apresenta as representações como impostas de fora do sujeito e das consciências individuais, pois estas existem como coisas. O autor afirma que "... a independência, a exterioridade relativa dos fatos sociais com relação aos indivíduos é imediatamente aparente... levam de uma

*maneira visível a marca que denotam sua origem*". (Durkheim, 1951:118). Esta proposição idealista, considerava o sujeito apenas como um receptáculo, Durkheim afirmava que todos os fenômenos sociais se impõem ao indivíduo de fora para dentro. Lefebvre considera que as representações também vêm de dentro, é contemporânea da construção do sujeito, tanto na história de cada indivíduo como na gênese do indivíduo em escala social. Moscovici (1995), entende que as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas, para ele é somente dessa maneira que os homens tornam-se racionais, um indivíduo isolado e só não poderia fazê-lo.

A *teoria das representações sociais* (Moscovici, 1995) centra seu olhar sobre a relação entre a sociedade e o indivíduo; busca recuperar um sujeito que valendo-se de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. O coletivo encontra a sua mobilidade na dinâmica social, que é consensual; é reificado. Assim, este abre-se permanentemente para os esforços de sujeitos sociais que o desafiam e, se necessário, o transformam. A *teoria das representações sociais* estabelece uma síntese teórica entre fenômenos que, em nível da realidade, estão profundamente ligados. Envolve a construção de saberes sociais (cognição) e a construção de significação simbólica, que é simultaneamente um ato de conhecimento e um ato afetivo. A produção encontra-se nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais (e no espaço geográfico?).

## A REPRESENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LEFEBVRE

Valendo-nos da leitura do livro *La Presencia y la ausencia* de Lefebvre (1983) observou-se que o autor faz uma revisão, passando por Kant, Heidegger, Hegel, Marx, Engels, Nietzsche, entre outros autores, para apresentar o conceito de representação. De outra forma, trataremos do tema centralizando a discussão na obra de Lefebvre, por considerá-la suficiente para o objetivo deste artigo.

O conceito de representação surge no contexto da história geral do conhecimento, da filosofia e da ciência. Lefebvre (1983) considera que todo conceito é descoberto durante uma investigação que desde o princípio implica um pressentimento e uma crítica da idéia que anteriormente tomava o lugar do novo conceito. Enquanto está sendo formado e formulado, o conceito se faz explícito durante este processo, entra em uma concatenação teórica e, ao mesmo tempo, descobrem-se seus limites e o pensamento crítico que o determina. Também pode suscitar novos conceitos - opostos e articulados - que tanto o limitam e o destroem, como o ampliam e o superam.

Demonstra, ainda, o autor supra citado que esta dupla capacidade - retrospectiva e perspectiva - é essencial para o processo de descoberta e construção do conceito. Todo conceito condensa uma gênese desde seu nascimento até o seu fim (se houver). A gênese não exclui em absoluto a análise de relações mais ocultas. Hegel, afirma Lefebvre (1983), apresenta o conceito como capaz de alcançar o absoluto, de superar o representado, e a representação teria a presença total por meio de todas as figuras da consciência. Lefebvre faz restrições à visão idealista de Hegel e destaca o fato de que o conceito de representação tenderia a um objetivo múltiplo: a) expor um conceito e situá-lo, b) fortalecer o conceito em geral e também circunscrever seus limites.

A crise do pensamento conceitual parece vago e sem sentido. Normalmente as pessoas querem evidências imediatas, comprovações. A contestação do conceito, seu caráter dinâmico, sua abertura e seus limites exigem ampla reflexão. Lefebvre (1983) relaciona esta dificuldade de procedimentos como parte da crise do "logos" europeu de origem cartesiana. Entretanto aponta um caminho, para o autor a crise se resolve na dialetização do racional, cedendo lugar ao vivido, articulando o lógico e o dialético na razão renovada.

Para Lefebvre, os pensamentos diversos e opostos são os que se transformam em representações. Os pensamentos, ou as determinações - relacionadas e opostas - em sua relação, caem na exterioridade do espaço e

do tempo e chegam na esfera da representação. A identidade formal erige-se então em lei, e os términos contraditórios se manifestam um fora do outro em uma justaposição e sucessão.

As interações existentes no movimento, desapercibidas e ignoradas pelos diversos teóricos no contexto da ciência ocidental, historicamente, provocou uma distinção entre os fenômenos globais, separando-os em partes com características contrárias e independentes. Este distanciamento do pensamento do ser, criou várias dicotomias no conhecimento científico, como: *verdadeiro e falso - sujeito e objeto - corpo e espírito - sociedade e natureza, etc.* Em suas reflexões, Lefebvre, ainda que provisoriamente, identifica três visões resultantes desses processos: a) *visão otimista* - declara que a História e a Educação, ocupam o espaço para contribuir na compreensão deste vazio, que esta relação dicotômica - *presença e ausência* - formaram-se no pensamento conceitual; b) *visão pessimista* - apregoa que o abismo não pode ser evitado - a presença aproxima, mas nunca é alcançada; c) *visão mítica* - busca a presença perdida transcendendo a ausência e a representação.

O caminho percorrido pelos teóricos desembocaram na compreensão e definição do signo. Este pode ser considerado com um instrumento simbólico orientado para o sujeito? A lógica cartesiana caracterizava-o em duas idéias; da coisa que representa e outra, da coisa representada, esta visão formulou e ao mesmo tempo resolveu o problema. Seguindo esta explicação, considera-se que o signo e a significação através da palavra, por exemplo, se desprendem das coisas e do conhecimento em geral, tornando-se autônomas. O signo transforma-se em uma representação. Sendo uma representação redobrada, seu único conteúdo de representante é o que representa. Assim, o signo torna-se transparente, inteligível. A linguagem, enquanto signo, fica alijada de conteúdo, de materialidade, de sociabilidade. Dessa forma, o discurso se apresenta como necessários e suficientes na explicação dos fenômenos do mundo.

Em geral, a representação é um nome ou um fenômeno que acompanha uma sociedade

determinada, tal palavra ou uma série de palavras, tal objeto ou constelação de objetos e também uma coisa, ou um conjunto de coisas correspondentes a relações que estas coisas encarnam.

As representações podem distinguir-se dos símbolos, das recordações, dos mitos e relatos legendários do imaginário, das ilusões e dos erros? - pergunta Lefebvre! O autor resolve a questão explicando que as distinções devem provir delas mesmas e não de uma classificação arbitrária. As representações não se distinguem em verdadeiras e falsas, mas talvez em estáveis e móveis, em reativas e superáveis. Podem ser alegóricas - figuras redundantes e repetitivas e tópicos e em estereótipos incorporados de maneira sólida em espaços e instituições. A representação não pode reduzir-se nem a seu veículo lingüístico e nem a seus suportes sociais.

As representações formam um modo de comunicação específico que figura entre as demais modalidades de comunicação, como a linguagem falada e escrita, as formas plásticas, música, arquitetura, etc. O mundo moderno contém uma contradição cada vez mais manifesta em função do que se segue: a) abundância das representações e sua utilização exagerada; b) o esgotamento das representações, seu desgaste, o esforço para renová-las e, por outra parte, o esforço para aboli-las, seja o mais próximo (natureza - instituição - etc), ou o mais distante (metafísico - misticismo - etc ).

Na perspectiva dialética, a verdade encontra-se no final do processo e é na obra (coisa) que se resolve a problemática da representação. Tanto na obra como na representação, os conceitos estão relacionados. As obras esclarecem as representações porque as atravessam, as utilizam e as superam. As representações esclarecem as obras porque é necessária e não suficiente, definida sobre e por uma superfície remetendo à prática, à produção, à criação. As obras, segundo Lefebvre, são consideradas todas as criações, produções - cidade - linguagem - instituições - cotidiano - etc.

O conceito de *produção* abarca as relações sociais e seus produtos e se encaixa no conceito

de *reprodução*. É importante discernir e não separar os produtos e as obras na criação. A obra é única, mas plural, ou seja, resultante de uma multiplicidade reunida em uma totalidade. Mesmo sendo cópia, imitação, multiplicação, não deixa de persistir em sua unidade, em sua originalidade. Durante o tempo, o produto, por definição, é reprodutivo (repetitivo), pois a finalidade do dispositivo de produção (da técnica) é precisamente este.

Distinguir o produto da obra no que se refere ao espaço é algo um tanto complexo, pois a obra tem uma presença que não se situa entre a presença e a ausência, senão que as reúne fazendo dom de sua presença, completando um vazio ou uma virtualidade; uma ausência. Durante o tempo o produto permanece em meio as representações; a obra se situa além delas. As representações existem em torno de coisas se-guras - Instituições, símbolos, arquétipos. Elas interpretam a vivência e a prática. Intervém nelas sem por elas conhecê-las e nem dominá-las. Uma das possibilidades de compreendê-las, na visão de Lefebvre é por meio da análise.

Diante da exposição do significado da *teoria das representações*, como estabelecer um contato com a Geografia? Vamos refletir um pouco. Se o indivíduo constrói suas *representações* baseando-se nas relações que estabe-lece entre o coletivo, e o faz por intermédio de sua base material, ou seja, base física do mundo, das obras e dos produtos, consideramos que o espaço enquanto lugar de referência, de produção, de desenvolvimento da vida cotidiana é também uma fonte de imagens que, além de expressar a sociedade, é referência na construção de linguagens, de significados, de idéias, de pensamentos e de ações. Desta forma, ao mesmo tempo que reflete a realidade, alimenta o imaginário dos indivíduos pela sua constituição simbólica. Valendo-nos destas considerações, buscaremos desenvolver uma análise da relação sociedade-espaço e as representações dela resultantes.

## A CONSTITUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS

As *representações* sobre o espaço existem em forma de idéias e símbolos? A constituição

das representações resultam de influências? As *representações gráficas*, partem de uma seleção de idéias que, assimiladas, formaram a visão sobre determinado lugar? Diante destas indagações, responderíamos o seguinte: o mapa não é neutro, sabemos disso, toda *representação cartográfica* resulta de um contexto produzido por pessoas. A TV, enquanto veículo de imagens e idéias, ao mostrar um lugar de vida de um determinado grupo de maneira constante sobre um aspecto, está contribuindo para a formação de uma idéia, que, somada às *representações sociais* já existentes, constituirá uma visão sobre este lugar.

Através da TV, o sujeito não olha diretamente para a imagem real. A imagem televisiva resulta de um recorte da realidade que representa a idéia, ou a ideologia de quem a veicula. A imagem foi selecionada pelas pessoas que a dirigem, conforme seus interesses e objetivos. Assim, quem define o que será transmitido é quem detém o poder sobre os meios de comunicação. Evidentemente, esta imagem será assimilada conforme a posição do indivíduo na sociedade, formando o seu imaginário e a sua própria realidade. A percepção obtida será relativa ao contexto sócio-econômico-cultural.

Com base nas considerações acima, qual a relevância do entendimento do valor das imagens para a compreensão das *representações geográficas*? O professor na escola, ao descrever a natureza original de um país pode, conforme o valor atribuído, juntamente com outros aspectos, produzir uma idéia que, poderá ser a *representação geográfica* deste lugar para estas pessoas.

Kellner (1995:107), ao propor uma alfabetização crítica da imagem, contesta a noção de educação e alfabetização centrada na cultura impressa. O mesmo autor informa que na atualidade existem múltiplas formas de produção de imagens, pois só a TV, por exemplo, gera entre quinze e trinta imagens por minuto. Também afirma que, como nossa experiência e nossos eus são socialmente construídos e são sobre-determinados por uma gama variada de imagens, discursos e códigos, torna-se importante

aprender a decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas (Kellner, 1995). O autor analisa a publicidade como uma prolífica e potente fonte de imagens culturais. Para ele, na atualidade, a publicidade está preocupada em vender estilos de vida e em vender posições de sujeitos desejáveis, com características associadas aos produtos.

O espaço para Lefebvre, segundo Seabra (1996), é, ao mesmo tempo, analisador e revelador da problemática da produção do espaço contemporâneo. A formulação de uma teoria unitária do espaço que sintetiza o natural (quadro físico), o mental (os espaços de representação e ou representação do espaço) e o social corresponde a uma prática espacial. O conceito de espaço social abarca três níveis do real: o percebido, o vivido e o concebido. O espaço produzido com a industrialização, no capitalismo, fragmentou os lugares por meio da especialização do seu uso. A Geografia, ao tentar entender este espaço, tradicionalmente o fez de forma separada, buscando valorizar as áreas em padrões hierárquicos. Este procedimento dificulta compreender o espaço-tempo engendrando pelas sociedades, ou seja, seus espaços de representação e suas representações do espaço. Seabra (1996:10) aponta a necessidade de “... *recuperar o caminho do método para vislumbrar uma abordagem do espaço que tenha sentido, pois pensar o espaço neutro, objetivo, enfim, como um continente para o qual se atribui conteúdos, é um erro*”.

Assim é importante, para compreender a problemática do espaço, relacionar o vivido, o percebido e o concebido. Como Lefebvre, Seabra (1996), considera que criticar e analisar o espaço nestas dimensões, pode modificar o espaço de representação dos habitantes, podendo fazer parte da sua prática social. Entretanto, na medida em que os habitantes tendem a fazer uma abstração da sua prática com e no espaço, vive e convive com a fetichização do espaço. Sobre esta questão, Seabra (1996:11) alerta que “...*nas circunstâncias em que as práticas*

*espaciais são concebidas pelos moradores do espaço, desfazem-se os fetiches, as ilusões. Só a prática espacial concebida como tal tem uma potência”.*

A *representação geográfica* na sua abrangência, compreende as formas gráficas habituais, como as informações contidas nos mapas, cartas e gráficos, as teorias e idéias relativizadas sobre os lugares e o espaço social vivido, percebido, concebido e construído. Estas representações são construídas na relação do espaço social (real) com o imaginário e com as suas simbologias. Resulta, também, das experiências cotidianas comuns e das influências das idéias formuladas pelos geógrafos, sociólogos, economistas, publicitários, psicólogos, entre outros que, de uma forma ou de outra, referem-se ao espaço geográfico.

Sendo o espaço geográfico, o lugar apropriado pela sociedade - espaço para obtenção de recursos, de vida - é conseqüentemente, lugar de conflitos, lutas, disputas e conquistas. As *representações geográficas* também são elaboradas neste conjunto.

Que representações surgirá no sujeito que entende o mundo pronto, acabado e estático e ao mesmo tempo, experiência uma realidade dinâmica, na qual mudanças no espaço ocorrem cotidianamente? É possível afirmar que esta situação produz um conflito, uma contradição? Como entender a representação construída? Este problema evidencia uma coerção propositada?

Convencionalmente, o sujeito na sua vivência, conforma-se duvidando ora da realidade, ora das idéias. O noticiário da TV traz todos os dias fatos reais que se mesclam com os capítulos da novela das oito. A imagem torna-se com a TV mais real que a própria realidade (Soares 1993). Será que existe uma inversão, uma dissociação da qualidade e da quantidade no processo de assimilação das informações? Num certo sentido, existe uma confusão/difusão do real e do imaginário. O espaço real é duvidoso na sua essência e consistência e a imagem veiculada pela TV é cada vez mais nítida e verdadeira.

A Geografia, por meio de suas idéias, em cada momento histórico formula representações sobre o espaço do mundo. Observa-se que em cada tempo-espaço da história da humanidade, as idéias elaboradas contribuem para a construção de concepções. O idealismo marcante na Geografia Tradicional fomenta e influencia a visão de mundo, dando, ao mesmo tempo, um significado exterior e simbólico, fazendo que cada sujeito, individualmente, construa a sua representação com parâmetros gerais.

Embora, pelo senso comum, surjam idéias para explicar o mundo, que longe do conhecimento científico, produzem visões, por vezes a dicotomia existente entre senso comum e ciência afasta a possibilidade das teorias para explicar a realidade. As *representações geográficas* da população trabalhadora, no capitalismo, constroem-se muito mais no senso comum, com base nas experiências e relações com a vida cotidiana e com as influências recebidas pela TV, moral tradicional, religião - do que com as nomenclaturas científicas. Assim, estas podem ser utilizadas com maior efeito por especialistas e estudiosos, garantindo o controle por uma minoria. Acredita-se que esta realidade do mundo exterior seja objetiva. Esta idéia, como nos informa Gramsci (1991), é proveniente da visão científica predominante nas ciências naturais, reforçadas pelo positivismo, que contrasta com uma visão subjetivista que o senso comum não assimila como existente. Entretanto, a partir da perspectiva positivista, nota-se que na realidade do senso comum esta visão é bastante útil. Muitas idéias veiculadas pelo cristianismo, por exemplo, como a idéia de que o mundo, a natureza, o universo, foram criados por Deus antes da criação do homem e, que, portanto, o homem já encontrou o mundo pronto, catalogado e definido, no senso comum tornou-se uma *verdade*, uma solidez. Mesmo quando o sujeito não pratica a religião, ainda prevalece fortemente esta crença (Gramsci, 1991). As representações deste sujeito comportam esta visão, pois compreendem uma subjetividade imanente, inconsciente. Poder-se-ia afirmar que se trata de uma objetividade *real* forjada nas imagens e nas ideologias?

Como as *representações geográficas* se apresentam para um determinado grupo? Quais os aspectos do espaço físico (material) que expressam estas construções? Os limites, a posição que este espaço possibilita, a circulação e até onde este grupo pode movimentar-se, formulará as suas representações. Ao olhar uma fotografia de um determinado lugar, através das representações já existentes, mais as informações contidas na própria imagem, poderá suscitar no sujeito diversas reações. A compreensão é sempre particular, mas ocorre considerando o montante de representações estocadas no imaginário, resultante das *representações sociais* que se formaram na relação com o grupo - influência cultural.

As *representações geográficas* existem em função da dinâmica constante da realidade. A sociedade na relação com o espaço geográfico, construído/desconstruído, expressa significados e assimila mudanças a cada instante. O confronto estrutura/superestrutura formula esquemas de pensamentos que vão adequando/transformando a visão de mundo, pois é assim que ocorre com o próprio mundo na atualidade. Este conjunto complexo, como define Gramsci (1991) contraditório e discordante reflete a totalidade das relações sociais de produção. As ideologias impregnadas na estrutura da realidade formalizaram as representações sociais e geográficas, ajustando seus significados para o espaço geográfico que contém em si a estrutura e a superestrutura do mundo real.

As *representações geográficas* são condicionadas, as percepções espaciais são imediatas, pois, não havendo mudanças físicas bruscas, o processo, em especial, considerando toda a ideologia que permeia as idéias, levam os grupos a internalizarem conforme as condições concretas que constroem sua vida. A tendência é observar o movimento no espaço quando este revela uma quantidade de acontecimentos que, juntamente com outras idéias, os vão explicitando, baseando-se tanto no indivíduo, como na sociedade. O aumento de pessoas vivendo nas ruas evidencia-se pela realidade físico-concreta; a *representação geográfica* deste fenômeno-social compõe-se de expressões

de sentimentos internalizados que, no social, pode possibilitar análises da própria estrutura desta sociedade. Considerando que os comportamentos individuais refletem os comportamentos sociais, o espaço geográfico desta sociedade comporta muitas pessoas e ao mesmo tempo, as exclui. Desta forma, em edifícios luxuosos e arrojados, vêem-se nas suas marquises lugares de abrigo para muitas pessoas.

Em estudo realizado sobre "*A imagem do Rio de Janeiro no imaginário da TV*", Egler (1995) conclui que a síntese da cidade no imaginário propagado pela TV, produz uma imagem da violência que pode ser amenizada com a preservação da natureza e de ações comunitárias e estatais em benefício das classes mais pobres. Para os movimentos sociais urbanos, o primado é o despejo previsto em lei. Para as greves é realizada a associação de uma imagem de abandono e de prejuízo social. Mas, afinal, é linda a cidade.

As *representações* originárias desta realidade, somadas ao contexto histórico e ao momento sócio-econômico, vão produzir em diversos grupos uma idéia, expressando conformismo ou indignação, isto em função dos interesses de cada grupo e das condições concretas de existência do indivíduo na sociedade.

## A IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO

O imaginário, entendido como resultado da relação com a imagem física, mediatizada pelos conceitos elaborados na sociedade para dar significação a estes objetos, não é forjado no instante do cotidiano. Está vinculado diversas formas existentes e pré-existentes, não sendo apenas figuras materializadas, estáticas como uma fotografia, mas fundada no processo histórico. Atualmente, o estoque de imagens armazenadas que circula é intenso, seja veiculado pela televisão, nas ruas, ou já interiorizado pelas pessoas. Esta somatória de imagens produz nas pessoas a visão que estas têm da realidade. Castells (1974:141) afirma que "*...a cidade é a projeção da sociedade no espaço*". Lefebvre (1991), ao falar da escrita, afirma que esta

possibilita a acumulação e a memória social, permite a organização social e a civilização, com base na divisão do trabalho social. A escrita foi a superestrutura primordial. Com base nesta idéia, Lefebvre afirma que a cidade nasceu como uma escrita feita no chão, pois, por meio dela, prescrevia sua força, sua capacidade administrativa, seu poder político-militar. Ainda, nesta linha, citaremos Baudrillard quando se refere à Lei (elemento ordenador da sociedade e do espaço), enquanto ordem de representação, pois argumenta que: “...a Lei, seja a do *significante*, a da *castração* ou a da *proibição social*, pretende ser o *signo discursivo de uma instância legal*, de uma *verdade oculta*, que *instaura por toda parte o proibido*” (Baudrillard 1991:150).

Para Baudrillard, a Lei é passível de interpretação e deciframento, tem uma finalidade determinada, é um texto que cai sob o peso do sentido e da referência. No espaço, este texto transforma-se em formas e estruturas, ao mesmo tempo enquanto lugar de existência e de formação de símbolos.

Ao citar a Dialética, Lefebvre (1991) indica que o pensamento e a consciência podem estar determinando o modo de vida dos indivíduos, os quais são condicionados pelo modo de produção de suas vidas materiais. Entretanto, a produção das idéias está entrelaçada com a atividade material. As possibilidades de transformação do espaço pelos grupos sociais estão condicionados pelo contexto espacial dado, vivido, concebido e construído, que forma a consciência do mundo nos sujeitos sociais.

Todavia, considerando que o imaginário resulta das operações simbólicas, estas encontram-se mediatizadas por idéias e limitações materiais. O espaço das construções humanas sobre o real, em que a realidade pode ser expandida, redefinida e, eventualmente, ser transformada, exige que repensemos o caráter atribuído à relação entre o mundo material e o mundo simbólico. Novamente, voltamos a nos referir às dicotomias tradicionais na Ciência moderna arraigadas na visão cotidiana das pessoas.

As condições reais de vida e experiências existenciais são somadas às idéias veiculadas

em diversos setores da sociedade. A TV, a escola, a religião contribuem para a formulação da visão de mundo. Esta é o resultado de conjunto, sendo condicionante dos movimentos e percepções da sociedade sobre o espaço geográfico que ocupam. Marx e Engels (1984), embora segundo Lefebvre (1983), aproximem a idéia de representação de ideologia, em que afirmam que as representações são produtos da mente humana e da divisão do trabalho, nos ensinam que as idéias são representações que os indivíduos formam da sua relação com a natureza ou da sua relação uns com os outros, ou sobre a sua própria natureza. Para eles, a produção das idéias e das representações está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, considerada a linguagem da vida material.

O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui ainda como o fluxo direto do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc. de um povo. Marx e Engels (1984:21-22) põem em destaque que:

*“... os homens são os produtores das suas representações, idéias, etc, mas os homens reais, os homens que realizam, tais como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e do intercâmbio que a estas corresponde até às suas formações mais avançadas”.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas considerações deste artigo, acreditamos que as *representações*, ao buscar a totalidade na relação entre indivíduo-sociedade e destes com a natureza e espaço vivido, percebido, concebido e produzido, possibilita para a Geografia uma reflexão mais elaborada das *representações geográficas*. As relações entre a sociedade-espaço comportam as *representações do espaço e os espaço de representação*, podendo aprimorar sua

compreensão. O espaço geográfico, sendo uma categoria fundamental para ação/transformação, formação de idéias e, sobretudo, o lugar da realização da vida da sociedade pode ser decodificado, desfeitichizado, podendo, como afirma Milton Santos (1982:25) “...revalorizar o trabalho e o próprio homem, para que ele não seja mais tratado como valor de troca”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R.D., e PANINI, E.Y. O espaço geográfico ensino e representação, São Paulo : Contexto, 1989.
- ANAIS - I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Brasília: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. Da sedução, Campinas: Papirus, 1991.
- CARLOS, Ana Fani Alexandre. O lugar: modernização e fragmentação. In: *Fim de Século e Globalização* (Milton Santos-org), São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1993.
- CASTELLS, M. La cuestion urbana. Madrid : Siglo Veintiuno 1974.
- CORREA, R.L. O espaço urbano. São Paulo : Ática, 1986.
- DURKHEIM, E. **Sociologia y Filosofia**. Buenos Aires : Guillermo kraft Ed. 1951.
- EGLER, T. T C. A imagem do Rio de Janeiro na Televisão. In: **Problemas Geográficos de um Mundo novo**, São Paulo : HUCITEC/1995.
- FARR, R.M.Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH S. (org.). **Textos em representações sociais** : Petrópolis: Vozes, 1995.
- FERRARA, L.D'A. O mapa da mina. Informação: espaço e lugar. In SANTOS M. (Org.). **Fim de século e globalização** São Paulo: HUCITEC, 1994.
- GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro : Civ. Bras.,1991.
- GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1995.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais, In: GUARESCHI P., JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1995.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T.T. (Org.), **Alienígenas na sala de aula** Petrópolis : Vozes, 1995.
- KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed., Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, H. **A reprodução das relações de produção**. Porto : Publ. Escorpião, 1973.
- LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia**. México : Fondo de Cultura Economica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo : Ática, 1991.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro : Civ. Bras., 1991.
- MARX & ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo : Moraes, 1983.
- MARX & ENGELS. **A ideologia alemã**. São Paulo : Moraes, 1984.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI P., JOVCHELOVITCH. S. (Org.). **Textos em Representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 1995.
- PINHEIRO, A.C. e MASCARIN, S.R. **Problemas sociais da escola e a contribuição do ensino de Geografia**. *Revista Terra Livre*. São Paulo, n.11-12, 1996.
- PINHEIRO, A.C. A construção da maquete dinâmica: uma estratégia sócio-histórica para o ensino de Geografia. Campinas, 1997. Dissertação Mestrado - Faculdade de Educação, PUC-Campinas, 1997.
- RIDENTI, M. **Classes sociais e representação**. São Paulo : Cortez, 1994.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo : HUCITEC, 1982.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. 3º ed. São Paulo : HUCITEC, 1986.

SEABRA, Odette C.L. **O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia.** *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo : n.74, 1993.

SEABRA, Odette C.L. **A natureza natural do mundo.** *AGB em Debate*, n. 11, maio, 1996.

SIMIELLI, M.E.R *et al.* Do plano tridimensional: a Maquete como recurso

didático.*Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo n.70, 1991.

SOARES, M.L.A. **A cidade de São Paulo no imaginário infantil Piedadadense.** *Revista Terra Livre*, São Paulo, n. 8, abril 1993.

VYGOTSKY. **A formação social da mente.** São Paulo : Martins Fontes, 1988.